

Resenha do livro: Scott, M. **Dos Democratas aos Reis**. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 2012.

Rodrigo Vargas Rocha¹

Michael Scott é conferencista e professor de História Antiga em Cambridge; além de professor, é também consultor histórico da History Chanel, tendo papel fundamental em vários documentários produzidos pelo canal. Em seu livro “Dos Democratas aos Reis”, Scott trará à luz a passagem do auge da democracia ateniense, por volta do século V a.C, até a derradeira submissão não só de Atenas, mas de toda a Grécia, aos novos reis macedônicos que surgiam: Felipe e Alexandre, o Grande.

Para entender como se deu essa passagem da Democracia à monarquia, o livro baseia-se na vida de um homem - Isócrates. Nascido em Atenas no ano de 436 a.C e falecido em 339 a.C, filho de comerciantes ricos de Atenas, Isócrates viu perder toda a fortuna da família devido à Guerra do Peloponeso, que resultou na derrota e humilhação de Atenas à Esparta, a grande potência da Grécia a partir daquele momento. Como meio de sustento, Isócrates começou a ensinar em sua pátria amada-Atenas. Não foi uma figura de grande importância, porém, seus ensinamentos eram dirigidos aos cidadãos e líderes gregos para que seu sonho se cumprisse: o de ver a Grécia unificada.

O grande sonho de Isócrates parecia muitas vezes impossível de se cumprir. Após a Guerra do Peloponeso, Atenas é derrotada e um dos motivos, segundo o livro, foi a sua Democracia. Se por um lado, na democracia “todos” os cidadãos podiam participar da vida política da cidade, por outro, em tempos difíceis, cometiam-se graves erros que levavam à sua derrota. No alvorecer do século IV a.C, Atenas estava mergulhada em uma revolução para tentar retomar a sua democracia. Esparta é quem dava as cartas na Grécia e o Império Persa, que durante a Guerra do Peloponeso teve papel crucial, estava submerso em uma crise sucessória.

¹ Graduando em História pela Universidade do Sagrado Coração. Resenha realizada sob a orientação da professora Dr^a Lourdes C. Feitosa.

A partir do século IV a.C era Esparta quem liderava a Grécia. Segundo o historiador Michael Scott, os espartanos eram tão fascinantes e insondáveis para os outros gregos como para nós nos dias de hoje. Temidos em campo de batalha, porém péssimos em relações internacionais. Além de tentarem obter o controle da Grécia, tentaram exercer influência na Ásia menor, tendo que combater novamente com os Persas. Foi esse um dos motivos pelo qual os espartanos não conseguiram segurar as “rédeas” do controle da Grécia. Enquanto os Espartanos levavam uma guerra em “duas frentes”, Atenas ainda tentava se recuperar de sua derrota. Após a guerra, adquiriria um novo estilo de governo: o de tentar ganhar vantagem em tudo e de todos.

Vale a pena frisar o papel fundamental da Pérsia na Grécia antiga. Mais uma vez, são eles os responsáveis pelo domínio espartano sobre os gregos no início do século IV a.C. Porém, este domínio está para ser abalado por outra cidade que começava a se destacar: Tebas. Enquanto a sociedade espartana, segundo Scott, se fragmentava por cobiça ao poder e ao dinheiro, Tebas dava fim à hegemonia de Esparta. Numa única batalha chamada de Leuctra, Tebas liderada por dois grandes homens, Epaminondas e Pelópidas, pôs fim ao mito que envolvia a sociedade espartana.

Com toda a confusão em que a Grécia se ocupava, não é surpreendente que o poderio de Tebas permaneceria por pouco tempo. O século IV a.C foi marcado por essas reviravoltas pela hegemonia grega. Em contraste a tudo isso, o século IV a.C também foi marcado por construções de magníficos templos e ornamentos. Sabemos que o dia a dia grego estava estreitamente ligado à religião. Portanto, em tempos difíceis, são aos deuses que os gregos iriam recorrer. Em meio a tantas guerras e disputas, porém, para a construção de templos, havia uma convocação por todo o mundo grego para que artesãos se reunissem e iniciassem o trabalho. Contudo, os gregos iriam descobrir, da forma mais dura, que seus deuses não estavam ajudando-lhes. Ao final do século IV A.C a religião, que outrora fora o elemento unificador dos gregos, nesse período já não era tão certo.

Esquecida até o momento, a Macedônia não passava de um conjunto de tribos que lutavam entre si. Todavia, um homem mudaria esta situação. Seu nome era Felipe II. Michael Scott faz uma afirmação muito interessante sobre como se iniciou o domínio macedônico. Segundo ele, um dos fatores preponderantes para que isso acontecesse foi a invenção e a introdução feita por Felipe de uma nova arma chamada de lança ou sarissa. Utilizada pelas falan-

ges macedônicas, esta arma media 5,5m e foi decisiva em inúmeras batalhas.

Nem todos estavam felizes com o domínio de Felipe sobre os gregos. A Grécia começava a se dividir em facções pró e anti Felipe. Seria Felipe o salvador da Grécia ou mais um tirano que se levantaria? Ninguém melhor que Isócrates para comentar sobre isso. Agora, com idade bem avançada, pronunciava sua opinião. Para ele, Felipe era o salvador que deveria agir como um agente para que seu antigo sonho se completasse - o de ver uma Grécia unida.

Discordando da opinião de Isócrates, Atenas, aquela que procurava sempre tirar vantagem de todas as situações, estava agora frente a frente com Felipe, em uma batalha que mudaria para sempre o rumo da história: a Batalha de Queroneia, na qual Felipe derrotaria Atenas. Tendo à frente de sua cavalaria Alexandre, os macedônicos derrotam as forças atenienses e dão início a uma nova era, com o destaque de um novo personagem: Alexandre, O Grande, como viria a ser reconhecido.

Para muitos, Alexandre foi um dos personagens mais ilustres da história. Com uma personalidade muito forte, ora bêbado, arrogante e ousado demais, ora com uma genialidade como nenhum outro. Alexandre, o Grande, foi capaz de conquistar e possuir o maior império já visto. Com apenas 32 anos, foi capaz de conquistar a Grécia e derrotar seu maior inimigo: os Persas. Isócrates, naquele momento já em seu túmulo, não viu seu grande sonho ser realizado, que era a unificação grega e a derrota dos persas - seu velho inimigo.

Alexandre era de uma personalidade difícil. Sendo considerado “rei do universo” para muitos, porém, em determinado tempo um louco para seus oficiais. Chegando a se considerar um deus em pessoa, Alexandre ainda necessitava de algo a mais. Seu sucesso só não foi completo porque no ano de 323 a.C acaba morrendo de febre, não conseguindo conquistar os territórios desconhecidos (Índia).

Por mais arrogante, louco ou ousado demais, Alexandre, O Grande, com apenas 33 anos conseguiu conquistar o que nenhum grego jamais sonhou. Mesmo após séculos passados continua a ser uma figura muito estudada. Ainda hoje imaginamos o que Alexandre poderia ter feito caso não morresse. No entanto, essa incógnita permanecerá para sempre e seu legado jamais será esquecido.

A Grécia Antiga continua sendo um dos assuntos mais estudados em universidades, escolas, etc. Muito se fala sobre Atenas e sua democracia, Esparta e seu estado militarista, a Guerra do Peloponeso e por fim, o domínio macedônico por parte de Felipe e Alexandre o

Grande. Todavia, o que se deixa de lado é o pequeno prazo de tempo em que tudo isso aconteceu. O autor de “Democratas aos Reis” nos traz à memória, partindo da vida de um homem, Isócrates, a maioria desses acontecimentos. Da idade áurea de Atenas até o surgimento de Alexandre, se passaram por volta de um século. Porém, foi um século que mudou o rumo da História.

Michael Scott, em seu livro, realmente consegue cativar o leitor para a leitura, ao apresentar a riqueza de acontecimentos que se passaram no século IV a.C., a partir de uma análise minuciosa dos textos de Isócrates. Ao ler a obra, percebe-se que a História, para ser entendida, requer um estudo minucioso e pormenorizado sobre o assunto, uma vez que são os pequenos detalhes que acabam fazendo a diferença.